

A LITERATURA É UM DELICADO CONVITE À RESISTÊNCIA

No atual momento, no qual as ciências humanas são vilipendiadas e tentamos sobreviver a uma pandemia, é especialmente gratificante ver que, a despeito de tudo e de todos, a literatura resiste. Presente em nossas vidas desde tempos imemoriais, ela nos alenta e acalenta.

Temos assistido diariamente ao sacrifício dos coletivos de escritoras e escritores, das pequenas editoras e pequenas livrarias, que tentam manter seus espaços de publicação e de divulgação da literatura. Cabe a nós fazermos parte dessa luta contra o desmonte da nossa cultura e contra a mesquinhez que insiste em dominar a sociedade.

A *Entrelaces* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras-UFC, de publicação digital, é um bom exemplo dessa resistência, pois, há mais de uma década, vem presenteando a comunidade acadêmica com trabalhos literários de excelente qualidade.

Na presente edição, de temática livre, além de oito textos na seção ESTUDOS LITERÁRIOS, contamos com um na seção TRADUÇÃO e um na seção RESENHAS. As autoras e os autores são provenientes de distintas instituições do Brasil e da *hermana* Argentina.

A seção ESTUDOS LITERÁRIOS é iniciada com o ensaio “La reescritura de la crónica de Indias en las crónicas de Pedro Lemebel. Usos iletrados del género”, no qual María José Sabo faz uso da proposição de Jacques Derrida, em seu texto “A lei do gênero” (1980), para discutir a crônica literária do escritor chileno Pedro Lemebel. Derrida, ao propor que “um texto não pertenceria a gênero algum” e que “todo texto faz parte de um ou mais gêneros”, acaba por livrar o texto das amarras de gênero como Lemebel tão bem o faz em sua crônicas.

Ainda a partir de um estudo de gênero, porém, desta vez, não literário, Ariane Avila Neto de Farias, tomando como objeto de pesquisa

as damas de honra da rainha de Brobdingnag, na obra *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, examina se as personagens mulheres agem da forma que lhes é esperada pela sociedade ocidental patriarcal, no artigo “Women depiction in Gulliver’s travels by Jonathan Swift”.

No trabalho “A plasticidade do Real lacaniano em contos de Clarice Lispector”, Diego Luiz Miiller Fascina e Naara Wesovoski Lima analisam os contos “Amor”, “O búfalo” e “A imitação da rosa” presentes na obra *Laços de família* (1960), de Clarice Lispector (1920-1977), sob o viés do materialismo lacaniano do filósofo esloveno Slavoj Žižek (1949), sobretudo a partir do Real, conceito plástico que aqui é desdobrado em três subcategorias: Real real, Real simbólico e Real imaginário.

Jean Felipe de Assis, na pesquisa “As Metamorfoses do Injusto, do Justo e da Justiça na Vida, na Obra e no Pensamento de Graciliano Ramos à luz da Filosofia Hermenêutico-Fenomenológica de Paul Ricoeur”, expõe as concepções da Justiça em suas constituições simbólicas nas narrativas de Graciliano Ramos, em suas ficções autobiográficas e também em sua realidade histórica, apresentando algumas reflexões resultantes de uma pesquisa da obra de Graciliano Ramos em uma abordagem hermenêutica-fenomenológica baseada em reflexões críticas às obras do pensador francês Paul Ricoeur.

A partir da leitura de *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas de guerra* (2005), de António Lobo Antunes e dos romances iniciais do autor, e recorrendo, em especial, às reflexões de Barthes (1987), Piglia (2006), Antonio Candido (2011) no que concerne às suas investigações em relação ao leitor, Grazielle Maria Valim e Diana Navas discutem o tipo de leitor almejado por António Lobo Antunes para a leitura de seus romances, bem como apresentam o próprio leitor António Lobo Antunes, tal como ele figura em suas obras, no estudo “‘Saber ler é tão difícil como saber escrever’ – o leitor (de) António Lobo Antunes”.

Em “Tornar-se escritora: uma reflexão sobre Louisa May Alcott e a sua reescrita de si em *Little Women*”, Jilda Passos Alves e Jailma dos Santos Pedreira Moreira trazem uma reflexão sobre o que seria tornar-se escritora no século XIX, considerando a produção literária de Louisa May Alcott, especificamente seu romance *Little Women*, e o contexto específico da época. Para isso, as autoras promovem um debate, no que diz respeito ao processo de construção identitária da escritora, considerando os postulados de Woolf (1990), sobre o modo como estas mulheres eram vistas e a relevância de um teto e de independência financeira para as mesmas.

Thaís Rocha Tavares, em “Os sentidos em palavras: composição do imaginário e sensorial da personagem Beatriz de *A tradutora*”, analisa o aspecto imagético, sensorial e de encenação, assim como as referências cinematográficas que emergem do discurso romanesco de *A tradutora*, a partir do repertório de recepção e imaginário de Beatriz. Para embasar sua análise, a autora recorre a estudiosos que teorizam conceitos relacionados à personagem, imaginação e imagem: Antônio Cândido, Gaston Bachelard, Jacques Aumont e Jean-Paul Sartre.

Finalizando essa seção, no ensaio “Semiótica e Cinema: os signos da aflição de Violeta, no filme *O Abismo Prateado*”, Camila da Silva Sousa e Feliciano José Bezerra Filho analisam os signos que possibilitam a elaboração do sentimento de aflição da personagem Violeta na cena da construção, no filme *O Abismo prateado* (2011), do cineasta cearense Karim Aïnouz, utilizando os pressupostos teóricos da Semiótica Moderna, com ênfase nos postulados de Charles Peirce.

Na seção TRADUÇÃO, Patrícia Rodrigues Costa apresenta a “Tradução de *Les trois hommes de pierre*, de George Sand, para o português do Brasil”. O texto *Les trois hommes de pierre* faz parte da obra, ainda não traduzida para o português do Brasil, *Les Légendes*

rustiques (1858), de autoria da escritora francesa George Sand (1804 – 1876). Esta obra foi concebida a partir de tradições orais, canções, contos e lendas recolhidos pelo seu filho Maurice Sand (1823 – 1889), responsável pelas ilustrações presentes no livro, nos campos de sua região natal, a Berry. As doze lendas presentes nesta obra revelam as crenças e as superstições dos aldeões e dos camponeses franceses do século XIX, como relatado pela escritora em carta ao filho no início desta obra e aqui apresentada.

Para a seção RESENHAS, Íris Fernanda Ladislau Rosa traz a resenha de *Crítica e tradução*, de Ana Cristina Cesar. Em 2016, a autora tem sua produção de ensaísta reunida no volume *Crítica e tradução*: uma brochura com pouco mais de 500 páginas e uma capa que apresenta uma Ana C. sorridente, em tons de amarelo e rosa, lembrando ligeiramente o movimento *Vaporwave*. O livro é dividido nas seções “Literatura não é documento”, “Escritos no Rio”, “Escritos na Inglaterra” e “Alguma poesia traduzida”, além de trazer prefácio de Alice Sant’Anna e cronologia organizada por Waldo Cesar. Em *Crítica e tradução*, Ana Cristina Cesar fala sobre questões políticas e culturais, sobre poesia/literatura feminina, sobre suas influências e mais tantos outros assuntos, que são tratados através da escrita envolvente já conhecida.

Esperamos que a leitura desta edição seja leve e agradável e que sirva para amenizar os dias difíceis e sombrios que temos enfrentado.

**Solange Maria Soares de
Almeida**
Universidade Federal do
Ceará